

“Sou Livre”: narrativas e representações de mulheres em Belém do Pará (século XIX)

“Soy Libre”: narrativas y representaciones de mujeres en Belém de Pará (siglo XIX)

“I am Free”: narratives and representations of women in Belém of Pará (19th century)

Franciane Gama Lacerda

Resumo: o artigo discute a construção de algumas narrativas e representações acerca de mulheres que viveram em Belém (PA) no século XIX, e que por motivos diversos tiveram registradas as suas experiências cotidianas em textos escritos. Tais registros revelam significados dados a temas diversos como beleza, fidelidade, casamento, família, liberdade. A investigação em torno dessas fontes permitiu entender que, se de um lado esses textos, escritos por homens, revelam um olhar masculino acerca das práticas femininas, de outro, estes mesmos registros também permitem entender muito do que essas mulheres pensavam de si mesmas e os sentidos que deram às suas vidas.

Palavras-chave: Memórias. Gênero. Pará. Século XIX e XX.

Resumen: el artículo discute la construcción de algunas narrativas y representaciones acerca de mujeres que vivieron en Belém (PA) en el siglo XIX, y que por diversos motivos han registrado sus experiencias diarias en textos escritos. Tales registros revelan significados sobre diversos temas como: belleza, fidelidad, matrimonio, familia, libertad, etc. La investigación de esas fuentes permitió entender que, si por un lado esos textos, escritos por hombres, revelan una mirada masculina acerca de las prácticas femeninas, de otro, estos mismos registros también permiten entender mucho lo que esas mujeres pensaban de ellas mismas y del sentido que dieron a sus vidas.

Palabras clave: Memorias. Género. Pará. Siglos XIX y XX.

ABSTRACT: the papers discusses the construction of some narratives and representations about women who lived in Belém (PA) in the nineteenth century and who for various reasons were recorded in texts written their everyday experiences. Such records reveal meanings given to topics such as beauty, loyalty, marriage, family, freedom. Research into these sources enabled us to understand that on the one hand such texts, written by men, reveal a masculine look about women’s practices, on the other hand these same records also allow us to understand much of what the women studied thought of himself and the senses that gave his own life.

Keywords: Memories. Genre. Para. Century XIX and XX.

INTRODUÇÃO

Ao estudar o processo migratório de cearenses que se deslocaram para o estado do Pará entre 1889 e 1916 (LACERDA, 2010), bem como as crônicas do português Antonio Lopes Mendes¹, que empreendeu uma viagem pelo Brasil entre 1882 e 1883, tive acesso a um número expressivo de narrativas construídas sobre as atitudes e modos de vida – e até mesmo da morte – de mulheres que viveram ou estiveram no estado do Pará por motivos distintos e em circunstâncias diversas.

Essas narrativas, notadamente escritas por homens, se de um lado evidenciam um ideário acerca do papel social das mulheres; de outro, omitem o que as próprias mulheres pensavam de si mesmas. À época, era comum o registro da presença feminina em meio a viagens rumo ao Pará ou

¹ O estudo acerca dos escritos de Antonio Lopes Mendes faz parte da pesquisa que realizo na Faculdade de História da UFPA, por meio do projeto “Cartas escritas da América: Antonio Lopes Mendes, a Sociedade de Geografia de Lisboa e a Amazônia (1882-1892)”.

pelo interior da Amazônia, quase sempre em busca de uma vida melhor. Não raro, essas mulheres viajavam sozinhas ou como responsáveis por extensas famílias, declarando-se solteiras, casadas ou viúvas. Igualmente, a história de vida e de morte de duas mulheres – Maria Barbara e Severa Romana –, traz à tona interpretações acerca destes temas e da representação social da mulher na Belém dos séculos XIX e XX.

Se essas mulheres não deixaram registros escritos sobre as suas experiências, muitos homens o fizeram, mesmo que nem sempre fosse o seu foco de interesse. Se esses registros indiretos permitem entender o que muitas vezes se esperava dos comportamentos femininos pela ótica masculina, esses mesmos registros podem revelar também a postura das mulheres aqui tratadas diante das alegrias e agruras de seu cotidiano, bem como os sentidos que estas atribuíram à sua vida no passado. Nesse texto, abordamos a temática e procedemos à análise dessas narrativas em dois tópicos: 1) Viagens e liberdade; 2) Memórias de vida e morte.

1. Viagens e liberdade

Em viagem pelo Brasil, entre 1882 e 1883, Antonio Lopes Mendes (TURAZZI, 2014), português, membro da *Sociedade de Geografia de Lisboa*, ao passar pelo porto de Fortaleza, Ceará, rumo à Amazônia, referia-se a duas “escravas fugitivas”, a uma “mulatinha” chamada Zulmira e a uma “simpática tapuia” chamada Moema como “enigmáticas criaturas”, capazes de “fornecer assunto para meia dúzia de romances e vários poemas heroico-cômicos”. (MENDES, 1894, p. 504). Mesmo que de forma superficial, o relato do cronista denota as possíveis agruras enfrentadas por mulheres em meio a um vapor, com destino à Província do Grão-Pará. De fato, menciona em seu relato os gritos e risadas dessas mulheres ao tentar equilibrar-se em uma jangada, e “que a menor falta de equilíbrio” deixavam-se “arrebatar pelas águas” em busca de suas “liberdades” (Ibid., p. 506). Segundo o cronista, eram escravas “foragidas” chegando ao Ceará, porque naquela Província, como enfatizava, desde 1881, os escravos estavam na “posse plena de sua liberdade e no convívio dos povos civilizados” (Ibid., p. 504).

Com base nesses relatos, percebe-se um paradoxo entre o seu discurso e diversas situações que Lopes Mendes vivenciou ao longo de sua estadia no Brasil. Ao mesmo tempo em que demonstrava certa comoção e sensibilidade em relação à situação daquelas mulheres, referindo-se a como “tímidas e delicadas filhas de Eva”, ele mantinha relações de amizade, por exemplo, com o Visconde de Santa Elias, Presidente da Praça do Comércio do Pará, (*Diário de Belém*, 7/09/1882, p. 2) conhecido senhor de escravos da capital paraense. De fato, período da Viagem de Antonio

Lopes Mendes pelo Brasil, entre 1882 e 1883, o referido Visconde publicou vários anúncios na imprensa paraense em busca de escravos fugidos de sua chácara. Exemplo disso é um anúncio no jornal *Diário de Belém* (20/05/1882, p.1), em busca da “pretinha Júlia de 13 anos de idade”, de “cor meio fula”, que usava um “vestido de chita parda” e outro de um escravo² de nome Silvério, que também se achava “em fuga” (*Diário de Belém*, 02/07/1882, p.1).

Os indícios das relações estabelecidas por Antonio Lopes Mendes no Pará nos levam a refletir sobre o quanto as concepções acerca do comportamento feminino e dos caminhos traçados pelas mulheres naquele contexto eram complexas, à mediada que envolviam diversas interpretações do que seria a liberdade e igualmente feminina, e o sentido dado à ideia de civilização, tão cara a um membro da *Sociedade de Geografia de Lisboa* de finais do século XIX.

Ao que parece, Antonio Lopes Mendes olhou com certa sensibilidade para outras mulheres durante a sua viagem ao Pará. Modelar. Exemplo disso é a descrição de uma maranhense chamada Maria Gomes Lafeur. Em 1883, Maria Gomes Lafeur embarcara em um vapor em São Luís, junto com outros cearenses que vinham “tentar fortuna no Pará e Alto Amazonas” (MENDES, 1894, p.521). Naquele contexto, eram frequentes esses deslocamentos de pessoas rumo à Amazônia, que se intensificaram em virtude do crescimento dos negócios da borracha, por certo incentivo à agricultura no Pará e por uma grande seca que assolara o Ceará em 1877. Lopes Mendes sabia disso, pois demonstrava interesse em se inteirar da política local por onde passava. Apesar disso, não foram os migrantes cearenses que lhe chamaram a atenção, mas sim a maranhense Maria, possivelmente pela forma diferenciada com que ela se portava no vapor que singrava rumo ao porto de Belém, e igualmente pela graciosidade da “sedutora mocinha” de 22 anos, que “tinha uma cintura de vespa” e se vestia com “gosto e elegância”, conforme a descrição do cronista (Idem).

Para além da aparência, o que parecia chamar a atenção de Lopes Mendes e de outros passageiros era o fato de que Maria, pelos menos ao que se refere aos padrões de comportamento de sua época, “quando pegava o violão” e cantava versos em que afirmava ser “livre”, dizendo “matar os pesares” da vida com os sons do seu violão. E completava: “Que vida, que eu sei viver? Não se vive assim nos céus” (Idem). De fato, o comportamento de Maria é bastante singular para aquele contexto. Segundo Cunha (1986, p. 144), dentre os comportamentos considerados transgressores e associados à imagem de uma mulher degenerada e, conseqüentemente, pensados como loucura, era o de “viajar só”. Entretanto, Maria não é descrita como louca, nem como alguém de comportamento degenerado. Pelo contrário, conforme sugere o relato do viajante, ela é aceita e respeitada pelos passageiros do vapor.

Os versos que eram cantados por Maria, citados por Mendes, podem sugerir um pouco do que ela pensava sobre si mesma. Desse modo, se Maria não acreditasse na liberdade que tinha, mesmo que somente através de sua música, ela provavelmente não entoasse tal canção. Naquele contexto marcado pela presença masculina, Maria declarava em público que sabia viver. Talvez ela soubesse que encantava os homens com a sua presença, suas atitudes e sua música, mas também com a sua conversa. De fato, em um dos trechos Mendes descreve a conversa de Maria com um dos passageiros num momento de refeição no barco, dizendo “sorridente” que “tristezas não pagavam dívidas” e que o melhor era mesmo comerem e ainda dando “viva ao amor” (MENDES, 1894, p. 523).

Não podemos informar com maiores detalhes quem teria sido a jovem Maria Lafeur se não pelos escritos de Lopes Mendes. Entretanto, as impressões do viajante sobre essa mulher trazem à

tona pistas de como as relações tecidas entre homens e mulheres no século XIX devem ser compreendidas, para além de um ideal de mulher atrelado à figura paterna ou de um marido, e cercada de filhos. A história da “formosa Lafeur” (Ibid., 1894, p.523), como foi chamada por Mendes, nos revela, em parte, essa postura, mesmo que Maria sequer tenha existido, e seja somente fruto da imaginação do viajante.

Na verdade, a história de Maria Lafeur e das escravas fugidas de Fortaleza não parecem ter sido uma exceção nos deslocamentos de pessoas para a Amazônia no século XIX. Exemplos disso são os muitos pedidos de passagens feitos por mulheres que estavam no Ceará e desejavam seguir para Belém ou Manaus. Várias mulheres se diziam chefes de famílias extensas, pelas quais eram responsáveis (LACERDA, 2003, p. 305-320). Muitas chegavam à cidade de Belém, e logo partiam de trem para colônias agrícolas da Estrada de Ferro de Bragança, em busca de espaço para viverem melhor (LACERDA, 2010, p.322-323). Tais eventos nos indicam justamente uma expressiva presença feminina nos processos migratórios de cearenses para o estado do Pará, indo de encontro a uma historiografia que talvez tenha ressaltado, por exemplo, a ausência das mulheres na área de seringais do século XIX, (REIS, 1997).

2. Vida e morte³

Conforme evidenciei em estudo sobre os significados que migrantes cearenses deram à experiência migratória, deparei-me no jornal *Folha do Norte*, muito lido na capital paraense, com a história de duas mulheres que viveram em Belém em momentos diversos. Tratava-se de Severa Romana, maranhense assassinada em 1900, e Maria Bárbara, paraense, assassinada no início do século XIX, cuja história era publicada como memória em 1915. Ao lado disso, notícias veiculadas nesse jornal traziam quase que diariamente histórias de mulheres marcadas pela violência⁴. Essas evidências levaram-me a uma reflexão acerca de como a sociedade compreendia, à época, a violência sofrida pelas mulheres e como a imprensa representava tais eventos. Assim, a partir destas notícias me propus a entender as narrativas sobre a vida e a morte de Severa Romana e Maria Bárbara. A história dessas mulheres ocorreu em tempos distintos e teve como elo, a partir das construções da imprensa paraense, o martírio destas, em nome do “dever conjugal” (*Folha do Norte*, 5/07/1900, p.1).

O interesse em analisar as histórias de Severa Romana e de Maria Barbara deveu-se ao fato de que a memória de suas mortes fora evocada como forma de apontar padrões comportamentais a serem seguidos ou não pelas mulheres. Tal perspectiva nos remete ao pensamento de Le Goff, ao compreender a memória também como um instrumento de “poder”, sugerindo uma luta “pela dominação da recordação e da tradição” (LE GOFF, 1990, p. 476).

Assim, em julho de 1900, em Belém, acompanhou-se o noticiário sobre o assassinato da lavadeira Severa Romana, considerada pela imprensa uma “vítima de seu dever conjugal” (FOLHA DO NORTE, 5/07/1900, p. 1). Conforme registrado nos jornais e reproduzido na tradição oral,

³ Esta parte do texto é uma versão de trabalho publicado na Revista Cadernos Pagu em 2012. Cf. Lacerda (2012, p. 395-423).

⁴ Jornal *Folha do Norte* (10/07/1900, p. 2; 14/07/1900 p. 2; 15/07/1900, p. 2; 16/07/1900, p. 2; 21/07 1900, p. 2; 15/08 1900, p.2).

o crime teria como motivação o fato de o soldado Antônio Ferreira dos Santos ter se apaixonado por Severa Romana, de quem era hóspede, tentando seduzi-la. Como esta se recusava a relacionar-se com ele, depois de muitos assédios, na noite de dois de julho de 1900, o cabo Santos assassinou-a (Ibid., 4/07/1900, p. 2). Pelo fato de ter sido assassinada em sua própria casa, um articulista da *Folha do Norte* argumentara que, diante do martírio de Severa Romana, a mulher paraense

mostrava “ter nascido para o lar, sacrário das afeições santas, da felicidade” (Ibid., 8/07/1900, p. 1).

É justamente na luta por manter este lar, que Severa Romana passa a ser considerada santa, na medida em que se associam suas virtudes à sua pobreza, evidenciada pelo aspecto do seu domicílio. Ao mesmo tempo, o fato de ser lavadeira, coloca Severa entre mulheres que trabalhavam, muitas vezes, fora de casa. De fato, Antônio conhece Severa através do marido desta, que a indica para cuidar de suas roupas, visto que “lavava e engomava bem” (Ibid., 4/07/1900, p.2).

O ofício de lavadeira era muito comum em Belém, em geral realizado por mulheres, tinha papel fundamental na economia familiar. O dia de trabalho das lavadeiras começava “muito cedo”, por volta das 5h30 da manhã, conforme descrito na *Folha do Norte* em 1900, e uma vez “engolido o café”, as mulheres saíam pelas ruas com o “seu xarão cheio de vestidos e casacos, recolhendo-se à noite” (Ibid., 20/07/1900, p. 2). A tarefa de percorrer as ruas tanto para a entrega das roupas limpas como para o recebimento de roupas sujas, talvez explique as muitas caminhadas de Severa Romana pela cidade, usadas no depoimento de seu assassino como um atenuante de seus atos, insinuando que ela não parecia ser uma mulher reclusa ao seu lar. A faina cotidiana de Severa divulgada pela imprensa sugere que, por serem responsáveis pela economia doméstica, engendrando o sustento da família, as mulheres pobres mantinham uma estreita ligação entre a casa e a rua (DIAS, 1984). Assim, conforme assevera Michelle Perrot (1992, p. 221), a rua não era “apenas um corredor de circulação, mas também um meio de vida”.

Entre os dias 3 de julho e 13 de agosto de 1900, o jornal paraense *Folha do Norte*, deu destaque ao caso, construindo desde o primeiro momento uma imagem de Severa como uma verdadeira heroína, que apesar de sua pobreza, resistira aos assédios do soldado Antonio, lutando para não “manchar” a sua união conjugal. Tais elementos não eram necessariamente novos, quando se tratava de exaltar as virtudes de uma mulher dos grupos menos abastados. Modelar nesse sentido é o livro *Brasileiras Célebres*, de Joaquim Norberto de Souza Silva, publicado em 1862, no Rio de Janeiro, pela livraria Garnier. Esta obra, que trazia a lume uma “galeria de senhoras brasileiras” consideradas celebridades pelos seus “talentos e virtudes”, conforme atesta o editor ainda em 1861, era destinada “ao povo e adaptada às escolas”, e igualmente “aos mimos e aos prêmios que se oferecem à senhoras” (SILVA, 1862, p. V-VI).

Para este autor, é a fé trazida pela Coroa portuguesa e acolhida por mulheres como a mameluca Maria Bárbara que a move em “ações magnânimas”, merecendo, desse modo, uma página no referido livro de Norberto, a quem o autor chamou de a “mártir do amor conjugal” (SILVA, 1862, p. 54-62), sendo talvez esta a gênese das representações acerca de Severa Romana, também assim chamada anos mais tarde. Neste caso, a violência, a pobreza, o trabalho, a própria gravidez e a possível luta contra o seu agressor para não manchar a honra de seu marido, tal qual fizera Maria Barbara anos antes, são atitudes evocadas pela imprensa paraense e para a construção de uma memória acerca de Severa Romana.

Em 1940, por exemplo, com o sugestivo título “Assassinada há quarenta anos, ainda hoje o povo zela pela sua sepultura. O povo crê obter graças e benefícios por intercessão dela”, o jornal *O Estado do Pará* trazia em sua primeira página a lembrança da morte de Severa, reforçando ainda a ideia de uma vida exemplar, um “admirável exemplo” de “fidelidade matrimonial” (O ESTADO DO PARÁ, 22/11/1940, p.1-5). Anos depois, baseado neste artigo de jornal, entre 1946 e 1947, foi publicado pela editora Guajarina um folheto de “literatura de cordel” intitulado *História completa de Severa Romana*, que fazia referência aos possíveis milagres de Severa. Destacava-se o pedido das moças, de verem “os proclamas na igreja” e dos noivos, que pediam para “as noivas sensatez como

Severa”. Mais uma vez, os versos sugeriam a importância dada ao exemplo da “esposa fiel” (ANÔNIMO, 199-, p. 2-23). Ao lado disso, evocava-se um ideal de família, de mulher e de casamento. As reflexões de Cancela (2011; 2008) permitem um bom entendimento dessa temática no Pará.

Os escritos acerca do caso de Severa Romana continuam nos anos que seguem. Em 1957, Jacques Flores publica o texto *Severa Romana, a mártir paraense* (FLORES, 1957). Alguns anos depois, o episódio é retratado em peça de teatro de Nazareno Tourinho intitulada *Severa Romana*, que contava a história do assassinato e o cotidiano da população de bairros populares Belém (TOURINHO, 1970). Também em 1970, Ricardo Borges publica o livro *Vultos Notáveis do Pará*, elencando na galeria das “santas paraenses” Severa Romana e Maria Bárbara (BORGES, 1986, p. 369-70).

Ao lado desses registros escritos, a tradição oral também foi fundamental na construção de uma memória acerca de Severa Romana. Apesar disso, em pleno século XXI, fica evidente que muitas pessoas mantêm um vínculo de devoção para com a figura de Severa Romana, sem, entretanto, conhecer as origens desse culto. Podemos entender um pouco dessa relação por meio de cinco entrevistas, pois consideramos que a construção análise e interpretação das memórias sobre o passado a partir de depoimentos orais se faz por uma multiplicidade de discursos entre o entrevistador e os entrevistados. (PORTELLI, 1997; THOMSOM, 1997).

A resistência aos assédios que levava à morte de Maria Bárbara no início do século XIX era explicada por Joaquim Norberto pelo fato de que a “mameluca” era descendente de índios e escravos negros, portanto, “bárbara”, e tal ato de bravura só se explicava pela fé cristã que moldara e a encaminhara, segundo o autor, para o “voluntário martírio”. Com esses argumentos, Maria Bárbara entrava para as “páginas da história” graças à educação que recebera, pois, na visão de Norberto, de outro modo, a atitude de preferir a morte a “manchar a sua castidade” não existiria (SILVA, 1862, p. 64).

A respeito de Maria Bárbara, ainda no período imperial outros autores valorizaram as suas virtudes em suas narrativas, sempre demarcando os bons valores construídos pelos portugueses na edificação da nação brasileira. Sobre este aspecto, citamos: *Selecta Brasiliense ou Notícias, Descobertas, Observações, Factos e Curiosidades em relação aos Homens à História, e Cousas do Brasil*, de J.M.P de Vasconcelos (1868); *Lembranças e Curiosidades do valle do Amazonas*, do Cônego Francisco Bernardino de Souza (1873); *Ano Biographico Brasileiro*, de Joaquim Manoel de Macedo (1876). O Cônego Bernardino de Souza referia-se aos feitos de Maria Bárbara pelos versos do poeta amazonense Tenreiro Aranha (1769-1811), cujo soneto era muito “popular no Pará”, Em um dos versos o poeta afirma que a mameluca “à mancha conjugal prefere a morte” (SOUZA, 1873, p. 5, 30).

Em 1915, quando esta história é rememorada na *Folha do Norte*, os leitores conhecem uma representação das mamelucas a partir do livro de José Veríssimo (FOLHA DO NORTE, 27/05/1915, p. 1). Nesta versão, diferente da imagem da resignada Maria Bárbara, ela era descrita como uma mulher que vivia “entre as quatro melhores coisas da vida: perfumes e amores, doces e flores”. Esta representação referia-se ao trabalho de muitas mulheres – de vender doces e fazer “cheiro” com “cascas e raízes odorosas” e pétalas de flores (VERÍSSIMO, 1878, p.127-128). As mamelucas circulando pelas ruas de Belém foram descritas por Antonio Ladislau Baena (1782-1850). Segundo o autor, estas mulheres, com seus trajes singulares, perfumadas como os jasmims, o malmequer e as rosas, não deixaram de ser admiradas, impressionando, inclusive o governador do Grão-Pará e Rio Negro, o Conde dos Arcos (1803-1806) (BAENA, 1969 [1838], p. 258). Apesar de ser descrita como “formosa” por Veríssimo, a beleza dessas mulheres era vista como um atrativo para que elas tivessem histórias amorosas trágicas. Desse modo, Veríssimo sentenciava: “Coitadinha, ela cai sem

sentir” (VERÍSSIMO, 1878, p. 121-127). Maria Bárbara, que talvez tivesse tais encantos, ganhava as páginas da história justamente por não se deixar seduzir pelo seu assassino, mudando o rumo da trajetória que alguns homens consideravam ser das “mamelucas”.

3. Breves considerações finais

Tomando como referência as reflexões de Mariza Corrêa (1996) sobre as imagens que se construíram nas artes e na literatura, podemos também refletir sobre as representações das mamelucas. De fato, conforme indica a autora em relação à categoria “mulata”, no “âmbito das classificações de gênero ao encarnar de maneira tão explícita o desejo Masculino Branco, a mulata também revela a rejeição que essa encarnação esconde: a rejeição à negra preta” (CORREA, 1996, p. 50). De fato, tanto Veríssimo quanto o Conde dos Arcos, bem antes, não expressam o seu encantamento pela beleza da mulher negra escrava, mas somente pela beleza da “mameluca”, por representar, segundo o primeiro, a mistura do índio com o português. Assim, excluía desse patamar de beleza os descendentes dos africanos.

Ao longo do tempo, os significados em torno das figuras de Severa Romana e Maria Bárbara foram se modificando e se constituindo com outros sentidos, da mesma forma que a noção de liberdade, por parte dos homens e das mulheres, também ganharam novos significados, diferentes dos cantados nos versos de Maria Gomes Lafeur. Talvez muitas histórias aqui mencionadas não sejam uma novidade, especialmente para um público acadêmico dedicado a reflexões sobre gênero (SCOTT, 1992). Apesar disso, essas histórias ainda precisam vir à tona, como fontes de novas reflexões, na medida que nos apontam os múltiplos sentidos dados às experiências de homens e mulheres que viveram no Pará em épocas diferentes. Por outro lado, essas histórias não podem ser esquecidas, pois ainda vivemos em uma sociedade marcada pela violência, e igualmente porque, como memória ou como história, esses eventos nos permitem analisar e entender a complexidade das relações humanas.

REFERÊNCIAS

Fontes Impressas

Diário de Belém. Belém 1882-1883.

Folha do Norte. Belém, 2º semestre de 1900.

Folha do Norte. Belém, 27 de maio de 1915.

O Estado do Pará. Belém 22 de novembro de 1940.

ANÔNIMO. *História completa de Severa Romana*. Belém: Edições do Museu da UFPA/Editora da UFPA, 1996.

FLORES, Jacques. *Severa Romana, a mártir paraense*. Rio de Janeiro: Conquista, 1955.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Ano Biographico Brasileiro*. Segundo volume. Rio de Janeiro: Typographia e Litographia do Imperial Instituto Artístico. 1876.

MENDES, Antonio Lopes. Carta XXVII – “Ceará, Porto de Fortaleza a bordo do ‘Pará’ – 12 de julho de 1883. In: *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 13ª Série – Nº7, Lisboa: Imprensa Nacional, 1894

SOUZA. Cônego Francisco Bernardino de. *Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas*. Pará: Typ. do Futuro, 1873.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Brasileiras Célebres*. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1862.

TOURINHO, Nazareno. *Severa Romana*. (Peça teatral em 3 atos). Belém: Governo do Estado do Pará, 1970.

VASCONCELOS, J.M.P de. *Selecta Brasiliense ou Notícias, Descobertas, Observações, Factos e Curiosidades em relação aos Homens à História, e Cousas do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemert, 1868.

VERÍSSIMO, José. *Primeiras Paginas: Viagens no sertão – Quadros Paraenses – Estudos*. Belém: Typographia Guttemberg, 1878.

Fontes Oraís: Entrevistas: Sra. Maria da Conceição, Sra. Maria de Souza, Sra. Dulce, Sra. Maria Rosilene, Sr. Francisco.

Bibliografia

BEZERRA NETO, José Maia. *Escravidão Negra no Grão-Pará (Séculos XVII-XIX)*. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2012.

BORGES, Ricardo. *Vultos notáveis do Pará*. 2ª edição revista e aumentada. Belém: CEJUP, 1986.

CANCELA, Cristina. Destino cor de rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (187-1920). *Cadernos Pagu* (30), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2008, pp.301-328.

CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e relações familiares na economia da borracha. Belém (1870-1920)*. Belém: Açaí, Programa de Pós graduação em História Social da Amazônia, Centro de Memória da Amazônia, 2011.

CORREA, Mariza. “Repensando a família patriarcal no Brasil”. In: ALMEIDA, Maria KOFES, Suely (orgs.). *Colcha de retalhos, estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp.13-38.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LACERDA, Franciane Gama. “*Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*”. Belém: Açaí, Açaí/ Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.

———. “Requerendo passagem para si e sua família: mulheres migrantes no Pará da virada do século XIX”. *Projeto História*, nº 27 (dezembro 2003), pp. 305-320.

—————. ‘Merecedoras das páginas da história’: memórias e representações da vida e da morte femininas (Belém, séculos XIX e XX). *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), v. 38, p. 395-423, 2012.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral”. *Projeto História*, n° 15 (1997), pp. 13-49.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, pp. 63-95.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias”. *Projeto História*, n° 15 (1997), pp. 51-71.

TURAZZI, Maria Inez “Os estudos comparativos e os desenhos ‘imparciais e singelos’ de Antonio Lopes Mendes no Brasil (1882-1883)”. *Boletim do Museu. Paraense. Emílio Goeldi. Ciências. Humanas*. Belém, v. 9, n. 2, maio-ago. 2014, pp. 361-382.

